

Edinger interpreta o nascimento de Cristo numa manjedoura entre os animais da seguinte maneira: “Só há lugar para o nascimento do Self nas regiões instintivas naturais da psique.”⁴ Aquele “não havia lugar na hospedaria” nos diz que os “lugares mais diferenciados, mais civilizados [na psique] não têm espaço para o processo de individuação”.

O nascimento do Self é um processo instintivo e não faz parte de um funcionamento cultural mais diferenciado. Não existe nenhuma verdade na freqüente e equivocada concepção de que a individuação é uma outra forma de espiritualidade rarefeita... É um processo instintivo.⁵

Através de seu estudo das imagens que rodeiam a Natividade, Edinger mostra que o nascimento do Self ocorre tipicamente em circunstâncias inauspiciosas. O mundo não só não festeja o nascimento do salvador (não havia lugar na hospedaria) como é também ativamente hostil (por exemplo, o Massacre dos Inocentes).

A palavra “mundo” tem duas referências: uma exterior, outra interior. A referência exterior ou objetiva é ao assim chamado mundo real. É o mundo de César (ou, na história da Natividade, o mundo de Herodes). Esse mundo é governado pelos princípios correntemente dominantes e tende a hostilizar novos princípios rivais. Não é aceitável nada que não produza de imediato resultados tangíveis em conformidade com os critérios habitualmente admitidos. Como diz Jung, “Uma consciência extrovertida é incapaz de acreditar em forças invisíveis”.⁶

O massacre dos inocentes

O mundo interior ou subjetivo que não tem espaço para o nascimento do Self é o ego, o princípio dominante da consciência. Este “velho rei” tem a capacidade de se mostrar inicialmente hostil a qualquer novo princípio psíquico que ameace destroná-lo, isto é, que ameace substituir a atitude do antigo ego por uma nova.

O tema do velho rei ameaçado pelo nascimento de um sucessor — um novo princípio dominante — é muito comum na mitologia e na religião. Como exemplos, temos o pai de Édipo, que ordenou que seu filho recém-nascido fosse exposto aos elementos a fim de evitar que ele viesse a matar o próprio pai, como predissera o oráculo; o Faraó que determinou

a morte de todos os hebreus recém-nascidos do sexo masculino por ter observado e temido os sucessos dos arrogantes hebreus; o padrao de Jasão que lhe impôs tarefas que, supunha ele, certamente o levariam à morte; e, finalmente, Herodes que, avisado do nascimento do Messias, ordenou que em seu reino fossem massacradas todas as criancinhas do sexo masculino.

É assim que tende a funcionar o ego, a parte da psique com a qual nos identificamos. Para o ego imaturo, inseguro, qualquer outro conteúdo psíquico parece estranho e desagradável. O ego esclarecido, pelo contrário, pode suportar mais facilmente o choque da descoberta de que ele não é o patrão em sua própria casa, como disse Jung. Quando o novo conteúdo psíquico, antes inconsciente, pode ser incorporado à consciência, ocorre uma transformação psíquica. Tornar consciente o inconsciente é o processo de cura comum a todas as psicologias profundas. O velho rei, a atitude de velho ego, é de fato substituída por outra, nova. Mas não precisamos nos identificar com nenhuma atitude do ego. Nosso ser essencial é maior que o nosso ego.

Como realmente ocorre a transformação psíquica

A maioria de nós, psicoterapeutas ou não, não se dá conta de quão profundamente se realiza a transformação psicológica. Nós imaginamos que a mudança vem através de uma busca ativa, de um esforço consciente para modificar uma atitude considerada errada. Quando se esforçam juntos desta maneira, terapeutas e pacientes podem aumentar a perceptibilidade, o que é sempre válido, mas a cura propriamente dita invariavelmente ocorre numa profundidade psíquica oculta para o ego. Além disso, ela pode se manifestar de maneiras inesperadas — por exemplo, a esposa ou um filho do paciente começa a se sentir um pouco mais leve — ao passo que a tentativa de modificar diretamente a atitude errada muitas vezes tem pouco efeito.

Diz Jung que a transformação psíquica ocorre graças à operação da função transcendente, tendência homeostática do inconsciente que visa contrabalançar a unilateralidade da atitude consciente. Sendo o ego por definição unilateral, a função compensatória do inconsciente está constantemente em ação. O ego coloca antolhos, por assim dizer, para melhor